

CIVILIZAÇÃO E CULTURA EM NIETZSCHE: DOMESTICAÇÃO E ELEVÇÃO

CIVILIZATION AND CULTURE IN NIETZSCHE: DOMESTICATION AND LIFTING

José André de Azevedo¹

AZEVEDO, J. A. Civilização e cultura em nietzsche: domesticação e elevação. **Akrópolis** Umuarama, v. 17, n. 4, p. 179-186, out./dez. 2009.

RESUMO: A radicalidade filosófica de Friedrich Nietzsche (1844-1900) descreve a situação do homem moderno, busca a causa do niilismo europeu e aponta perspectivas para a superação desse quadro. Opondo os conceitos de Civilisation e Cultur – Civilisation como domesticação e Cultur como elevação e fortalecimento –, o pensador alemão nos oferece uma importante e preciosa interpretação da modernidade, onde somente um “homem elevado” é capaz de atravessar o abismo aberto diante do homem moderno e constituir uma nova “raça” de humanos (übermensch).

PALAVRAS-CHAVES: Nietzsche; Niilismo; Civilização; Cultura; Modernidade.

ABSTRACT: The radical philosophy of Friedrich Nietzsche (1844-1900) describes the situation of modern man, seeking the cause of European nihilism and outlines perspectives for the resolution of this situation. Opposing the concepts of Civilisation and Cultur - Civilisation as domestication and Cultur raising and strengthening - the german thinker offers us an important and valuable interpretation of modernity, where only a “higher man” is capable of crossing the chasm opened before the modern man and constitute a new “breed” of humans (übermensch).

KEYWORDS: Nietzsche; Nihilism; Civilization; Culture; Modernity.

¹Mestrando em Filosofia Moderna e Contemporânea da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE
Professor da Faculdade Global de Umuarama – FGU
Avenida Rio Branco, 4145. Centro. CEP: 87.501-130. Umuarama/PR
E-mail: azevedosac@hotmail.com

Recebido em Outubro/2009
Aceito em Dezembro/2009

INTRODUÇÃO

Friedrich Nietzsche (1844-1900), filósofo da radicalidade e da polêmica, da análise da realidade de seu tempo e de prognósticos *trágicos*, possui, como *bandeira filosófica*, a “transmutação dos valores”.

Transvalorizando os valores, pretende fazer estremecer a cultura moderna, pôr em evidência sua hipocrisia e suas contradições e, para alcançar tal escopo filosófico, “dinamitará” os fundamentos e as bases da civilização ocidental, a saber: os valores da razão, da moral, da ciência, da política, da religião e da cultura.

A partir disso, esta pesquisa intenciona analisar o binômio *civilização/cultura* à maneira proposta por Nietzsche. Percebemos em quatro fragmentos de Nietzsche, num período inferior a um ano (do outono de 1887 ao verão de 1888), o pensador alemão explicitando justamente o antagonismo *civilização como domesticação* e *cultura como elevação*.

Os pontos culminantes da cultura e da civilização estão *separados*, não se pode deixar confundir sobre o antagonismo destes dois conceitos. Os grandes momentos da *cultura* são os tempos de corrupção, expressados moralmente; as épocas de *domesticação* querida e forçada do homem (“civilização”) são tempos de intolerância com as naturezas mais espirituais e ousadas e seus mais profundos adversários (9 [142] do outono de 1887).

AQUILO CONTRA O QUE EU TENHO ADVERTÊNCIAS: não confundir os instintos de *decadence* com a humanidade [Humanität]; não confundir os *meios dissolventes* da civilização, que *levam necessariamente* à decadence, com a *cultura*: não confundir a *libertinagem* [libertinaje], o princípio do “*lasser aller*” [deixar que as coisas caminhem à sua ira] com a vontade de poder (que é o princípio *contrário* do anterior) (15 [67] da primavera de 1888).

Os topos da cultura e da civilização se acham separados um do outro; não devemos enganar-nos sobre o abismal antagonismo entre cultura e civilização. Os grandes momentos da cultura sempre foram, falando moralmente, tempos de corrupção; e, por sua parte, as épocas de querida e forçada *domesticação* (“civilização”) do ser humano foram tempos de intolerância com as naturezas mais espirituais e mais ousadas. A civilização quer uma coisa diferente do que a cultura quer: talvez até mesmo uma coisa contrária... (16 [10] da primavera/verão de 1888).

Para a fisiologia da arte

O problema de Sócrates

Moral: *domestica* ou *cria* – *As realidades depois da moral*. A luta contra as paixões e sua espiritualização. Naturalismo da moral e desnaturalização.

A época e os coetâneos.

Da sétima solidão.

Por que a verdade?

A vontade de verdade.

Psicologia dos filósofos

da vontade de verdade.

Civilização e cultura: um antagonismo (16 [73] da primavera/verão de 1888).

Para que a leitura do texto se torne frutuosa, necessário se faz ter em mente o binômio *civilização/cultura*: de modo geral, mais especificamente na maturidade filosófica de Nietzsche, civilização é tudo aquilo que declina, que domestica e inibe a *vontade de potência*; por outro lado, a cultura é vista como elevação, como compreensão da vida a partir do *vir-a-ser*, é a valorização da luta, são os impulsos altamente hierarquizados e as condições que permitem o crescimento desses mesmos impulsos.

DESENVOLVIMENTO

Entretanto, para entendermos os conceitos nietzschianos de *civilização* e *cultura* e suas eventuais decorrências, necessário se faz entender em que contexto se inserem suas críticas à civilização e a preconização de uma cultura elevada.

Nietzsche é um pensador que possui um interessante *modus operandi* para filosofar: define-se a si mesmo como *dinamite* e pretende desestabilizar os valores presentes, os quais, segundo a perspectiva nietzschiana, encontram-se em um contexto crucial (niilismo, crise de valores e suicídio dos fundamentos); analisa, então, o passado e aponta perspectivas embasado no que acontece *hic et nunc*.

Ao analisar o presente, o pensador alemão, como que tirando uma radiografia dos tempos modernos, percebe uma situação de imensa catástrofe. Entretanto, tal termo – catástrofe – não deve ser entendido simplesmente como aquilo que é sem saída ou uma grande desgraça ou uma hecatombe; devemos entender o termo *catástrofe* aqui no sentido que o mesmo toma na tragédia grega: um momento decisivo em que se torna visível aquilo que, até então, estava invisível; uma situação que se torna clara e, até este momento, não era nítida. E esse revelar-se e dar-se a conhecer é, de fato, o que determina o sentido dos acontecimentos. De maneira geral, a catástrofe é um movimento em que – à semelhança do círculo – o ponto inicial e o ponto final coincidem, revelando noções norteadoras.

Assim sendo, por que a Alemanha e a Europa vivem, para Nietzsche, uma situação de catástrofe? Porque a modernidade está imersa em um *suicídio de fundamentos*. O que Nietzsche quer afirmar é: o fundamentalismo, a busca por fundamentos – que desde o início esteve presente na cultura ocidental –, é, na sua própria origem, o suicídio do fundamento. Somente quando se completa esse movimento de to-

tal esgotamento e de total perda de valor por parte de supremas referências de valor é que tomamos consciência daquilo que desde sempre estava na origem. Em outras palavras: o fato de o ser humano basear-se inteiramente no princípio de um fundamento não pode fundamentar o princípio do próprio fundamento.

Quando se chega a esse ponto, aí se instaura a *catástrofe*, aí se instaura a possibilidade de se tomar consciência daquilo que desde sempre foi a possibilidade de origem ou, então, o ultrapassar dessa origem. Nietzsche diagnostica o momento catstrófico da modernidade: o niilismo.

O niilismo como estado psicológico terá de ocorrer, primeiramente, quando tivermos procurado em todo acontecer por um “sentido” que não está nele: de modo que, afinal, aquele que procura perde o ânimo. Niilismo é então o tomar-consciência do longo desperdício de força, o tormento do “em vão”, a insegurança, a falta de ocasião para se recrear de algum modo, de ainda repousar sobre algo – a vergonha de si mesmo, como quem se tivesse enganado por demasiado tempo... Aquele sentido poderia ter sido: o “cumprimento” de um cânone ético supremo em todo acontecer, a ordenação ética do mundo; ou o aumento do amor e harmonia no trato dos seres; ou a aproximação de um estado de felicidade universal; ou mesmo o livrar-se um estado universal de nada – um alvo é sempre um sentido ainda. O que há de comum em todos esses modos de representação é que algo deve, através do processo, mesmo, ser alcançado: - e agora se concebe que com o vir-a-ser nada é alvejado, nada é alcançado... Portanto, a desilusão sobre uma pretensa finalidade do vir-a-ser como causa do niilismo: seja em vista de um fim bem determinado, seja, universalizando, a compreensão da insuficiência de todas as hipóteses finalistas até agora, no tocante ao “desenvolvimento” inteiro (o homem não mais colaborador, quanto mais centro do vir-a-ser) (NIETZSCHE, 1996, p. 430).

Niilismo é, segundo o pensador, o devotar a vida à procura de um sentido quando este mesmo sentido não está nele, é a tomada de consciência do desperdício de força em vista de uma teleologia que não se basta a si mesma, é a *vergonha* do engano da entrega e da adesão a algo que, no fundo, é “sem fundo”. Quando o ser humano assim se percebe, mergulha no nada que, neste momento, se epifaniza. Em outras palavras: o homem percebe que construiu sua casa sobre a areia... e as chuvas deram contra ela e grande foi sua ruína.

Mas como a maneira de Nietzsche refletir é a partir do dado presente – no caso o niilismo e o suicídio de fundamentos –, analisando o passado e prognosticando o futuro, podemos nos perguntar: o que ocorreu para que caíssemos nessa situação abismal?

Como todos sabemos, Nietzsche esboçou (ou diagnosticou?) uma imagem pavorosa do mundo moderno: a humanidade declina; não há cultura, somente recolhimento de informações; buscamos desenfreadamente sensações, o que nos oferece um simulacro do viver; ele mostra a insanidade de uma vida que almeja exclusivamente o lucro, apregoa o *maquinismo* e a mecanização das relações.

Porém, tudo isso somente constitui, para Nietzsche, um plano superficial, são consequências de algo mais profundo, é apenas a ponta do iceberg. Quando tudo se desestabiliza e caminha para o abismo, sucede, na realidade, para Nietzsche, um fenômeno mais profundo: *Gott ist tot* (Deus está morto).

Trata-se de uma espantosa novidade. Nietzsche não diz *Não há Deus* e nem tampouco afirma *Não creio em Deus*, mas constata um fato: *Deus está morto*. Dessa maneira, oferece o resultado da realidade contemporânea: o niilismo europeu tem origem num declínio mais profundo, ou seja, o niilismo nasce mediante o erro de ter-se pretendido valer, de modo absoluto, de categorias tais como a do sentido e da totalidade. Claro exemplo disso é a conhecida passagem do louco desvairado na praça central, parágrafo 125 de *A Gaia Ciência*:

Vós não ouvistes falar daquele homem desvairado que em plena manhã luminosa acendeu um candeeiro, correu até a praça e gritou ininterruptamente: “Estou procurando por Deus! Estou procurando por Deus! – à medida que lá se encontravam muitos dos que não acreditavam em Deus, ele provocou uma grande gargalhada. Será que ele se perdeu? – dizia um. Ou será que ele está se escondendo? Será que ele tem medo de nós? Ele foi de navio passear? – assim eles gritavam e riam em confusão. O homem desvairado saltou para o meio deles e atravessou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus? –, ele falou –, gostaria de vos dizer! Nós o matamos – vós e eu! Nós todos somos os seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos esvaziar o mar? Quem nos deu a esponja para apagar todo o horizonte? O que fizemos ao arrebentarmos as correntes que prendiam esta terra ao seu sol? Para onde ela se move agora? Para onde nos movemos? Afastados de todo sol? Não caímos continuamente? E para trás, para os lados, para frente, para todos os lados? Há ainda um alto e um baixo? Não erramos como que através de um nada infinito? Não nos envolve o sopro do espaço vazio? Não está mais frio? Não advém sempre novamente a noite e mais noite? Não precisamos acender os candeeiros pela manhã? Ainda não escutamos nada do barulho dos covéis que estão enterrando Deus? Ainda não sentimos o cheiro da putrefação de Deus? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus permanece morto! E nós o matamos! Como nos consolamos, os assassinos dentre todos os assassinos? O mais sagrado e poderoso que o mundo até aqui possuía sangrou sob nossas facas – quem é capaz de limpar este sangue

de nós? Com que água poderíamos nos purificar? Que festejos de expiação, que jogos sagrados não precisaremos inventar? A grandeza deste ato não é grande demais para nós? Nós mesmos não precisamos nos tornar deuses para que venhamos a aparecer como apenas dignos deste ato? Nunca houve um ato mais grandioso – e quem quer que nasça depois de nós pertence por causa deste ato a uma história mais elevada do que toda história até aqui” O homem desvairado silenciou neste momento e olhou novamente para os seus ouvintes: também eles se encontravam em silêncio e olhavam com estranhamento para ele. “Eu venho cedo demais”, disse então, “não é ainda meu tempo. Esse acontecimento enorme está a caminho, ainda anda: não chegou ainda aos ouvidos dos homens. O corisco e o trovão precisam de tempo, a luz das estrelas precisa de tempo, os atos, mesmo depois de feitos, precisam de tempo para serem vistos e ouvidos. Esse ato ainda lhes é mais distante que a mais longínqua constelação – e no entanto eles o cometeram!” - Conta-se também que no mesmo dia o homem louco irrompeu em várias igrejas e em cada uma entoou o seu *Requiem aeternam Deo*. Levado para fora e interrogado, limitava-se a responder: “O que são ainda essas igrejas, se não os mausoléus e túmulos de Deus?” (NIETZSCHE, 2008, pp. 149-151).

Uma vez que tem tomado clara consciência desse feito, Nietzsche descobre que todos os traços e acontecimentos de nossa época – a catástrofe – derivam desse feito capital; é o fato de que a humanidade *esvaziou o mar, com a esponja apagou o horizonte, arreventou as correntes que prendiam a terra ao sol* que traz à tona o vazio total e abismal; é a morte de Deus que gera o niilismo moderno.

O que Nietzsche faz, na realidade, é mostrar para o homem moderno que Deus está morto e que nós todos somos os seus assassinos, ou seja, é trazer à luz uma realidade que é inextirpável ao próprio movimento do *Esclarecimento*, isto é, o homem moderno é aquele que colocou o mundo e a história sob o signo da *razão esclarecida*. A razão esclarecida é aquela que abjura toda e qualquer forma de *escravidão* e ato *subjugado*, a razão esclarecida é a razão absoluta, portanto, necessariamente sem Deus.

Logo, para Nietzsche, a ciência moderna é, pela sua própria vocação e constituição, ateuista. De maneira geral, não há problemas em apoiar-se num conhecimento da realidade fundamentalmente ateu; a dificuldade é a hipocrisia apresentada pelo homem moderno: quer uma coisa e seu contrário ao mesmo tempo, ou seja, ele quer emancipar-se inteiramente e, ainda assim, colocar-se sob a proteção e abrigo de um absoluto qualquer.

O homem moderno volta-se, após constatar com surpresa a morte de Deus como geradora do niilismo, com um *olhar esclarecido* para aquilo que é mais próprio e típico de sua história: o cristianismo. Assim fazendo, depara-se com outro abismo: se a

causa do vazio colossal é a morte de Deus, a própria morte de Deus tem uma origem e um culpado, a saber: o próprio cristianismo.

Se Deus está morto, a responsabilidade é do cristianismo, o qual destruiu toda pulsão da vida e gestou, *grosso modo*, as ideias do Esclarecimento. Assim, diante do abismo da morte de Deus, o cristianismo não propõe mais do que ficções e fábulas. Como o cristianismo, com todas as suas forças, somente se apoiava em ilusões, o homem esclarecido deve afogar-se, forçosamente, em um nada sem precedentes.

Sendo o cristianismo – em colúio com a filosofia grega – que moldou a civilização européia – e aqui está inclusa a mentalidade alemã –, Nietzsche criticará a cultura e apresentará um *projeto* de nova cultura, uma cultura que responda a essa vontade de potência de transpor o abismo apresentado à frente do homem moderno.

Diante do que foi apresentado, podemos nos questionar: como entender um pensamento tão radical e intenso? Como analisar a obra de um pensador que se apresenta de maneira tão convicta e crítica? Como interpretar globalmente a filosofia de Nietzsche? Eis uma polêmica estabelecida há mais de um século. Por seu estilo e pelo gênero literário de seus escritos, avesso à exposição sistemática e lógica – o que não quer dizer que seu pensamento seja irracional –, Nietzsche resiste às simplificações e às diversas tentativas de traduzi-lo em proposições definidas.

Temos, com certeza, algumas *portas de entrada* para uma leitura sistematizada de Nietzsche. Entretanto, gostaríamos de enfatizar que os conceitos *civilização* e *cultura* estão diretamente relacionados à crítica à cultura moderna e, dessa maneira, são aspectos fundamentais da filosofia nietzschiana, oferecendo-nos, com certeza, um viés claro de compreensão de seu pensamento.

O filósofo alemão, ao tratar do tema *cultura*, propõe, em suas obras, várias palavras para discutir essa problemática. Entretanto, dois sentidos são constituídos a partir do conjunto de suas reflexões: *Civilisation*, entendido como *domesticação* e *amansamento* (*Zähmung*) e *Cultur*, entendido como uma cultura elevada (*Höheren cultur*), uma cultura, como já sublinhamos, que compreenda a vida como vir-a-ser, como valorização da luta, como hierarquização dos impulsos e possibilitação do crescimento dos mesmos.

Esse dois conceitos, esse binômio antagônico, estão relacionados diretamente a sua crítica à cultura de seu tempo e à proposta de uma nova possibilidade cultural.

A noção de *Civilisation*, para Nietzsche, é um profundo processo de *Zähmung/amansamento*. O *homem civilizado* – que Nietzsche caracteriza como o *homem bom e virtuoso*, ou seja, o cristão – é visto

por todos como um homem em um processo de *melhoramento* (Verbesserung), processo que estabelece uma imutabilidade antropológica e um protótipo de ser humano. Ora, esse melhoramento, no fundo, para Nietzsche, é uma *mentira educativa* (a *pia fraus* a que Platão se refere em sua obra *A República*) com o objetivo de castrar a vocação humana para aquilo que Nietzsche chama de *fortalecimento* (Verstärkung), ou seja, o fruir de um humano prenhe de impulsos organizados hierarquicamente.

Percebe-se, então, em Nietzsche, uma reviravolta de perspectivas: o *melhoramento* (Verbesserung) não passa de um enfraquecimento do homem forte (Verstärkung) e, assim, a *Civilisation* é um *Zähmung*, um amansamento, e essa não eleva o homem, mas o enfraquece e diminui o impulso de viver fortemente.

Por conseguinte, entender o processo civilizatório como um *progresso* (e esse progresso é compreendido pela modernidade como: igualdade de direitos, senso de humanidade, compaixão, democracia, tolerância, ou seja, *liberté, égalité et fraternité*) é, para o pensador alemão, uma falácia. O processo civilizatório enfraquece a natureza, os impulsos e instintos humanos, minando, assim, a vontade de potência e reprimindo a *natureza terrível e de animal de rapina do homem*.

É a horrível barbárie dos costumes que, especialmente na Idade Média, obrigou a formação de uma verdadeira “liga da virtude” – ao lado dos não menos horríveis exageros sobre o que constituiu o valor de um homem. A “civilização” (domesticação) [*“Civilisation” (Zähmung)*] em sua luta tem necessidade de todas as espécies de ferros e torturas para se manter contra a natureza terrível e de animal de rapina (Fragmento póstumo XIII 11[153] de novembro de 1887/março de 1888 apud FREZZATTI, 2006, p. 91).

Nietzsche ainda afirma que esse homem *des-animado*, ou melhor, amansado/domesticado (*Zähmung*) vangloria-se de *ser superior* e superior aqui quer dizer *bom*, o que nos remete a apontar as relações existentes entre o processo civilizatório, a moral e a religião.

Para o processo civilizatório, o conceito de *melhoramento* (Verbesserung) do *animal homem* consiste em melhorá-lo inculcando-lhe uma moral; tal moral é *sagrada* ou *para além* das atividades humanas. Nietzsche, ao abordar esse aspecto, o fará desvelando os mecanismos humanos responsáveis por sua constituição, como nos aponta o capítulo “Aqueles que querem tornar a humanidade melhor” de *O Crepúsculo dos Ídolos*:

De maneira totalmente provisória, eis um primeiro exemplo! Em todos os tempos quis-se “melhorar” os homens: este anseio, antes de tudo, chamava-se moral. Mas sob a mesma palavra escondem-

se todas as tendências mais diversas. Tanto a domesticação da besta humana quanto a criação de um determinado gênero de homem foi chamada “melhoramento”: somente estes termos zoológicos expressam realidades. Realidades das quais com certeza o sacerdote, o típico “melhorador”, nada sabe - nada quer saber... Chamar a domesticação de um animal de “melhoramento” soa, para nós, quase como uma piada. Quem sabe o que acontece nos amestramentos em geral duvida de que a besta seja aí mesmo “melhorada”. Ela é enfraquecida, tornam-na menos nociva, ela se transforma em uma besta doentia através do afeto depressivo do medo, através do sofrimento, através das chagas, através da fome. – Com os homens domesticados que os sacerdotes “melhoram” não se passa nada de diferente. Na baixa Idade Média, quando de fato a igreja era antes de tudo um adestramento, caçava-se por toda parte os mais belos exemplares das “bestas louras”. “Melhoravam-se”, por exemplo, os nobres alemães. Mas com o que se parecia em seguida um tal alemão “melhorado”, seduzido para o interior do claustro? Com uma caricatura do homem, com um aborto. Ele tinha se tornado um “pecador”, ele estava em uma jaula, tinham-no encarcerado entre puros conceitos apavorantes... Aí jazia ele, doente, miserável, malévolo para consigo mesmo; cheio de ódio contra os impulsos à vida, cheio de suspeita contra tudo que ainda era forte e venturoso. Resumindo, um “Cristão”... Fisiologicamente falando: o único meio de enfraquecer a besta em meio à luta contra ela pode ser adocê-la. A igreja compreendeu isso: ela perverteu o homem, ela o tornou fraco, mas pretendia tê-lo “melhorado”... (NIETZSCHE, 2006, p. 62).

Dessa maneira, como se dá, segundo Nietzsche, esse *mecanismo humano* responsável pelo *melhoramento* (processo civilizatório)? Ele aponta dois momentos:

Num primeiro momento, dirá que é uma tendência da natureza humana o mascaramento dos instintos; a isso chamará de *sublimação* (Sublimierung). Deve ficar claro que o termo *sublimação* em Nietzsche não possui a conotação freudiana, mas se trata de uma apropriação/resignificação do termo como se efetua no campo físico-químico: passagem de uma substância do estado sólido para o estado gasoso. Isso aponta que o processo de moralização – que se confunde com o processo civilizatório – é uma *evaporação* ou *espiritualização* (estado gasoso) dos instintos (estado sólido).

Num segundo momento, o momento da filosofia madura de Nietzsche, o filósofo dirá que o mascaramento dos instintos faz parte de um processo de declínio das forças humanas, ou seja, de um processo de domesticação (*Zähmung*) do animal homem.

A partir da constatação dos dados acima, ou seja, da inclinação aos mascaramentos dos impulsos (sublimação) e do declínio das forças humanas (*Zähmung*), Nietzsche apontará o processo de moraliza-

ção – leia-se aqui *Civilisation* – por meio de termos zoológicos: *Zähmung* (o amansamento ou domesticação do animal homem) e *Züchtung* (o aprimoramento ou seleção de um determinado gênero de homens).

Esse processo civilizatório é transmitido e ganha terreno por meio de uma *pia fraus* (piedosa mentira): o homem bom (civilizado) é melhor do que o homem mau (bárbaro).

A *pia fraus*, juntamente com a sublimação, são inversões provocadas pelos legisladores morais: o melhor é aquele que possui os instintos enfraquecidos; o pior, aquele com instintos intactos; o espiritual, aquilo que mascara o fisiológico (FREZZATTI, 2006, p. 97).

Dito isso, podemos nos questionar: como o civilizado prevalece sobre o bárbaro? Nietzsche dirá que a *Civilisation* caracteriza-se pelo enfraquecimento em massa, o que somente foi possível pelo ódio contra a cultura aristocrática e contra a expansão dos próprios instintos, ou seja, foi o cristianismo o terreno fértil para o nascimento da *Civilisation*. Temos consciência que dois longos parágrafos da obra *O Anticristo* nos apresentarão tal perspectiva:

Quando o centro de gravidade da vida é colocado não nela mesma, mas no “além” – no nada –, então se retirou da vida o seu centro de gravidade. A grande mentira da imortalidade pessoal destrói toda razão, todo instinto natural – tudo que há nos instintos que seja benéfico, vivificante, que assegure o futuro, agora é causa de desconfiança. Viver de modo que a vida não tenha sentido: agora esse é o “sentido” da vida... Para que o espírito público? Para que se orgulhar pela origem e antepassados? Para que cooperar, confiar, preocupar-se com o bem-estar geral e servir a ele?... Outras tantas “tentações”, outros tantos desvios do “bom caminho”. – “Somente uma coisa é necessária”... Que todo homem, por possuir uma “alma imortal”, tenha tanto valor quanto qualquer outro homem; que na totalidade dos seres a “salvação” de todo indivíduo possa reivindicar uma importância eterna; que beatos insignificantes e desequilibrados possam imaginar que as leis da natureza são constantemente transgredidas em seu favor – não há como expressar desprezo suficiente por tamanha intensificação de toda espécie de egoísmos ad infinitum, até a insolência. E, contudo, o cristianismo deve o seu triunfo precisamente a essa deplorável bajulação de vaidade pessoal – foi assim que seduziu ao seu lado todos os malogrados, os insatisfeitos, os vencidos, todo o refugo e vômito da humanidade. A “salvação da alma” – em outras palavras: “o mundo gira ao meu redor”... A venenosa doutrina dos “direitos iguais para todos” foi propagada como um princípio cristão: a partir dos recônditos mais secretos dos maus instintos o cristianismo travou uma guerra de morte contra todos os sentimentos de reverência e distância entre os homens, ou seja, contra o primeiro pré-requisito de toda evolução, de todo desen-

volvimento da civilização – do ressentimento das massas forjou sua principal arma contra nós, contra tudo que é nobre, alegre, magnânimo sobre a terra, contra nossa felicidade na Terra... Conceder a “imortalidade” a qualquer Pedro e Paulo foi a maior e mais viciosa afronta à humanidade nobre já perpetrada. – E não subestimemos a funesta influência que o cristianismo exerceu mesmo na política! Atualmente ninguém mais possui coragem para os privilégios, para o direito de dominar, para os sentimentos de veneração por si e seus iguais – para o pathos da distância... Nossa política está debilitada por essa falta de coragem! – Os sentimentos aristocráticos foram subterraneamente carcomidos pela mentira da igualdade das almas; e se a crença nos “privilégios da maioria” faz e continuará a fazer revoluções – é o cristianismo, não duvidemos disso, são as valorações cristãs que convertem toda revolução em um carnaval de sangue e crime! O cristianismo é uma revolta de todas as criaturas rastejantes contra tudo que é elevado: o Evangelho dos “baixos” rebaixa... (NIETZSCHE, 2008, pp. 89-90).

Quando o cristianismo abandonou sua terra natal, aqueles das classes mais baixas, o submundo da Antiguidade, e começou a buscar poder entre os povos bárbaros, não tinha mais de se relacionar com homens exauridos, mas homens ainda intimamente selvagens e capazes de sacrifícios – em suma, homens fortes, mas atrofiados. Aqui, distintamente do caso dos budistas, a causa do descontentamento consigo, do sofrimento por si, não é meramente uma sensibilidade extremada e uma suscetibilidade à dor, mas, ao contrário, uma excessiva ânsia por infligir sofrimento aos outros, uma tendência a obter uma satisfação subjetiva em feitos e idéias hostis. O cristianismo tinha de adotar conceitos e valorações bárbaras para obter domínio sobre os bárbaros: assim como, por exemplo, o sacrifício do primogênito, a ingestão de sangue como um sacramento, o desprezo pelo intelecto e pela cultura; a tortura sob todas as suas formas, corporal e espiritual; toda a pompa do culto. O budismo é uma religião para pessoas em um estágio mais adiantado de desenvolvimento, para raças que se tornaram gentis, amenas e demasiado espiritualizadas (– a Europa ainda não está madura para ele –): é um convite de retorno à paz e à felicidade, a um cuidadoso racionamento do espírito, a um certo enrijecimento do corpo. O cristianismo visa dominar animais de rapina; sua estratégia consiste em torná-los doentes – enfraquecer é a receita cristã para domesticar, para “civilizar”. O budismo é uma religião para o final, para os derradeiros estágios de cansaço da civilização. O cristianismo surge antes da civilização mal ter começado – sob certas circunstâncias cria as próprias fundações desta (NIETZSCHE, 2008, pp. 51-52).

Em síntese: um estado civilizatório é um estado doentio da natureza humana, cujo vírus letal é o cristianismo. Mas qual seria, então, o restabeleci-

mento, a cura?

A cura da doença chamada *Civilisation/Zähmung* estaria na *Cultur/Höheren cultur*, ou seja, uma cura construída pelo respeito e pelo aproveitamento dos instintos humano, pelo fato de deixarmos de lado a noção de *melhoramento* (*Verbesserung*) e abraçarmos o conceito de *fortalecimento* (*Verstärkung*).

Como se daria essa passagem, então, da *Civilisation* para a *Cultur*? Através do cultivo de qualidades associadas a uma classe aristocrática, especialmente aquelas ligadas ao mundo artístico: bom gosto, tato refinado, regras da grande arte, educação corporal, a arte de bem ler e de bem fazer ciência. Esses homens cultos seriam encontrados na Grécia e Roma, os quais foram *destruídos* pelo movimento cristão, como nos aponta o parágrafo 59 de *O Anti-cristo*:

Todo o esforço do mundo antigo em vão: não tenho palavras para descrever meu sentimento ante tal monstruosidade. – E, considerando o fato de que esse era um trabalho meramente preparatório, que com granítica autoconsciência lançou os fundamentos para um trabalho de milhares de anos, todo o significado da antiguidade desaparece!... Para que serviram os gregos? Para que serviram os romanos? – Todos os pré-requisitos para uma cultura sábia, todos os métodos científicos já existiam; o homem já havia aperfeiçoado a grande e incomparável arte de ler bem – essa é a primeira necessidade para a tradição da cultura, para a unidade das ciências; as ciências naturais, aliadas às matemáticas e à mecânica, palmilhavam o caminho certo – o sentido dos fatos, o último e mais precioso de todos os sentidos, tinha suas escolas, e suas tradições possuíam séculos! Compreende-se isso? Tudo que era essencial ao começo do trabalho estava pronto; – e o mais essencial, nunca será demais repeti-lo, são os métodos, que também são o mais difícil de desenvolver e o que há mais tempo têm contra si os costumes e a indolência. O que hoje reconquistamos com uma inexprimível vitória sobre nós mesmos – pois certos maus instintos, certos instintos cristãos ainda habitam nossos corpos –, ou seja, o olhar afiado ante a realidade, a mão prudente, a paciência e a seriedade nas menores coisas, toda a integridade no conhecimento – tudo isso já existia há mais de dois mil anos! E mais, havia também bom gosto, um excelente e refinado tato! Não como um adestramento de cérebros! Não como a cultura “alemã”, com seus modos grosseiros! Mas como corpo, como gesto, como instinto – em suma, como realidade... Tudo em vão! Do dia para a noite tornou-se memória! – Os gregos! Os romanos! A nobreza do instinto, o gosto, a investigação metódica, o gênio para a organização e administração, a fé e a vontade para assegurar futuro do homem, um grandioso sim a todas as coisas, visível sob a forma de *imperium romanum* e palpável a todos os sentidos, um grande estilo que não era simplesmente arte, mas que havia se transformado em realidade, verdade, vida... – Tudo destruído de um dia para outro, e não por uma convulsão

da natureza! Não pisoteado até a morte por teutônicos e outros búfalos! Mas vencido por vampiros velhacos, furtivos, invisíveis e anêmicos! Não conquistado – apenas consumido!... A vingança oculta, a inveja mesquinha, agora dominam! Tudo que é miserável, intrinsecamente doente, tomado por maus sentimentos, todo o mundo de gueto da alma estava subitamente no topo! – Leia-se qualquer agitador cristão, por exemplo, Santo Agostinho, para entender, para sentir o cheiro daquela gente imunda que subiu ao poder. – Seria um erro, entretanto, presumir que havia falta de compreensão por parte dos líderes do movimento cristão: – ah, eles eram espertos, espertos até à santidade, esses pais da Igreja! O que lhes faltava era algo bastante diferente. A natureza deixou – talvez esqueceu-se – de dotá-los, ao menos modestamente, de instintos respeitáveis, íntegros, limpos... Dito entre nós, eles não são sequer homens... Se o islamismo despreza o cristianismo, tem mil razões para fazê-lo: o islamismo pressupõe homens... (NIETZSCHE, 2008, pp. 128-129).

A *Cultur*, segundo o pensamento nietzschiano, seria o deixar fruir o dionisíaco e extrapolar outro conceito interessante de Nietzsche: o conceito de bárbaro, isto é, do homem que não se deixou *amansar* e, assim, está repleto de impulsos intocáveis pela vida e existência.

Quanto mais um homem aceita seus impulsos, em sua rudeza e crueza, menos é domesticado e mais elevada é a cultura [Cultur] da qual faz parte. No sentido inverso, quando mais um homem é medíocre, fraco, servil e covarde, mais necessitará da civilização, da moral inclusive, pois verá em todo lugar – na vida, no mundo, no próprio corpo – o “Reino do Mal”. Por ser mais fraco, será mais virtuoso: considerará tudo proibido e hostil – inclusive os próprios impulsos – porque tudo lhe ameaça. Em consequência, devemos entender o aristocrático ou o nobre nietzschiano como uma postura de aceitação do vir-a-ser e não como uma classe, estamento ou grupo social. Entender a vida como um processo de luta por mais potência e não participar da dicotomia metafísica corpo e alma: é essa a verdadeira postura aristocrática ou nobre para Nietzsche (FREZZATTI, 2006, p. 112).

Após Nietzsche ter pintado esse painel opo-sitor entre a civilização européia (*Civilisation*) e a *barbárie/Cultur* (presente em certos comportamentos da Grécia e Roma antigas, na cultura moura, nos renascentistas, nos aristocratas franceses da corte de Luís XIV e nos sofistas), ele oporá *Cultur* à *Bildung* (a formação típica dos alemães: livresca e sem contato com a realidade e instintos humanos).

Um fato interessante é que Nietzsche prevê, para a manutenção da *Cultur* (segundo os passos de Platão em *A República*), uma *pia fraus* (mentira piedosa) e sua função seria transformar uma condição de cultura elevada em algo automático, inserido e disseminado no comportamento de um povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De tudo o que afirmamos, conclui-se que será o *bárbaro* e não o *civilizado* quem construirá uma cultura elevada, que será o homem forte, aquele que não está amansado e possui os impulsos de vida altamente hierarquizados, quem se transformará em ponte de travessia entre a *Civilisation* e a *Cultur*.

Porém, qual o caminho para o surgimento/ressurgimento do *bárbaro*? Qual a estratégia para que o ser humano reorganize seus impulsos, abrace a vida como fortalecimento e deixe sua condição fisiológica *adoecida* para transformar-se em *saudável* e forte?

Nietzsche aponta o caminho: uma educação que reestruture ou re-hierarquize os impulsos humanos.

REFERÊNCIAS

COPLESTON, F. Nietzsche: filósofo da cultura. Porto: Tavares Martins, 1979. 298 p.

FREZZATTI, W. A fisiologia de Nietzsche: superação da dualidade cultura/biologia. Ijuí: Unijuí, 2006. 310 p.

JASPERS, K. Nietzsche. Buenos Aires: Sudamericana, 1963. 525 p.

NIETZSCHE, F. A gaia ciência. 2. ed. São Paulo: Escala, 2008. 331 p.

_____. Assim falou Zaratustra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. 381 p.

_____. O crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 160 p.

_____. Fragmentos póstumos: (1885-1889). 2. ed. Madrid: Tecnos, 2008. 784 p.

_____. O anticristo. 2. ed. São Paulo: Escala, 2008. 137 p.

_____. Coleção os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996. 464 p.